

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

0 papel da Universidade na construjao do Pais [The role of the University in the construction of the Country]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Panizzi, wrana
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-12 00:45:17
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163386

cursos em que os jovens possam não só se preparar para o mercado de trabalho, sendo também um espaço de reflexão sobre a sociedade, é a principal contribuição que as universidades de um modo geral podem dar”. No caso específico da Unisinos, a estudante acha que é uma universidade com um nível de ensino bom e dá uma contribuição importante. “Embora seja limitada por precisar cobrar mensalidade dos alunos, impedindo que muitos não possam, mesmo gostando de estudar, fazê-lo. Mas isso é uma coisa contingencial da própria condição da universidade, de ser comunitária. Os cursos de extensão, os trabalhos junto à comunidade, vários programas da Unisinos fazem esse tipo de *link* entre o ensino e a vida real das pessoas.”. A deputada teme pela reforma universitária a partir das experiências avaliadas como negativas das outras reformas do governo. “Acho que o Presidente Lula, embora tenha tido uma vida muito sofrida, hoje em dia, está bastante distanciado da realidade das pessoas, quando ele diz que está tranquilo, está com a alma lavada, está com a sensação de missão cumprida, e o País afundando no desemprego, no arrocho salarial, com os serviços públicos sucatiados, e o Brasil pagando R\$ 145 bilhões para o FMI. Eu estou muito preocupada com a reforma universitária, porque as reformas que o governo Lula tem feito até agora são reacionárias. A reforma da Previdência foi um retrocesso do ponto de vista dos direitos do trabalhador, foi uma capitulação frente aos interesses do FMI, dos fundos de pensão, do sistema financeiro internacional. A reforma sindical e trabalhista vai pelo mesmo caminho e eu temo que a reforma universitária também seja a continuidade do desmonte das universidades públicas, do processo de privatização branca que elas já estão vivendo por dentro dos seus próprios organismos, os interesses privados tomando”.

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PAÍS

Entrevista com Wrana Panizzi, Ione Bentz e Cristovam Buarque

Na presente edição, IHU On-Line levantou alguns interrogantes a respeito do papel da universidade na sociedade brasileira e seus principais desafios que foram respondidos por três pessoas comprometidas com o fazer e pensar universitário, como o senador e ex-ministro de Educação, Cristovam Buarque, a reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Wrana Maria Panizzi e a diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação da Unisinos, Ione Bentz.

*Engenheiro Mecânico, pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutor em Economia pela Universidade de Paris, Sorbonne, Cristovam Buarque foi eleito senador da República em outubro de 2002 com 60% dos votos, cerca de 461 mil, o mais votado da história do DF. Entre 1995 e 1998, foi governador do Distrito Federal, onde implantou o Programa Bolsa-Escola. Criou a ONG Missão Criança para promover a ideia da bolsa-escola no Brasil e no exterior. Desde 1979, é professor da Universidade de Brasília, onde foi reitor no período 1985-1989, como primeiro reitor eleito da UNB após o fim da ditadura militar. É autor de 19 livros. Entre eles citamos: **A Desordem do Progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro.** São Paulo: Paz e Terra, 1991; **A aventura da universidade.** Co-edição Rio de Janeiro: Paz e Terra e São Paulo: Unesp, 1994 (Prêmio Jabuti, 1995); **A Revolução nas Prioridades. Da modernidade técnica à modernidade ética.** São Paulo: Paz e Terra, 1994. **Os tigres assustados - uma viagem pela fronteira dos séculos.** Rio de Janeiro: Record, 1999; **Admirável mundo atual.** São Paulo: Geração Editorial, 2001; e **Os Instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002; O senador Cristovam Buarque foi ministro da Educação no atual Governo Federal, no período de 1º de janeiro de 2003 a 27 de janeiro de 2004.*

Wrana Maria Panizzi, é bacharel em Direito e licenciada em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRGS e doutora em Ciências Sociais pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne) (U.P. I), em Paris, França, e em Urbanismo, pela Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne) (U.P. XII), em Créteil, França. Atualmente a professora Wrana está no segundo mandato como reitora da UFRGS, iniciado em 2000. O primeiro mandato foi de 1996 a 1999. É também presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e autora de, entre outros, **Porto Alegre, passado e futuro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

A professora Dr.^a Ione Maria Ghislene Bentz é atualmente diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação da Unisinos. Graduada em Letras (português/inglês), pela Fundação Universidade de Bagé (FUB), obteve mestrado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), doutorou-se em Lingüística pela Universidade de São Paulo (USP), tendo sua tese o título *Linguagem: a ilusão do referencial. Proposta de análise do discurso*, e pós-doutorou-se pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne), na França. Entre as diversas obras das quais é autora ou organizadora, citamos **Metacomunicação**. 2. ed. Porto Alegre: Emma, 1977. 200 p. (co-autora ao lado de W. C. Guarany); **O olhar estético na Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 160 p.; (organizadora ao lado de José Milton Pinto e Antônio Albino Rubin), **Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 160 p. (organizadora ao lado de José Milton Pinto e Antônio Albino Rubin); **Tensões e objetivos de pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Editora Meridional Ltda, 2002. v. 1. 296 p. (organizadora ao lado de Maria Helena Weber e Antônio Hohlfeldt).

IHU On-Line – Qual é o papel mais específico da universidade?

Cristovam Buarque- Para começar, eu acho um excelente tema sobre o qual discutir, porque o debate sobre a universidade muitas vezes fica reduzido. O papel da universidade é criar o saber de nível superior que o Brasil precisa para ser construído como nação independente, eficiente e justa e contribuir para ampliar o patrimônio científico e cultural da humanidade. Por isso eu considero o tema que estão abordando extremamente oportuno, porque as pessoas esquecem que este é o papel da universidade, imaginando que é beneficiar o aluno. Pensam que o papel da universidade é ajudar os jovens a subirem na carreira social deles. É isso também, mas o fundamental é que esses jovens vão ser reconhecidos com bons salários, prestigiados e respeitados, porque são os que constroem o saber de nível superior de que o País precisa. Quando acompanhamos a discussão se a universidade beneficia os pobres ou os ricos, as pessoas estão se perguntando se os alunos que estão dentro dela são ricos ou pobres, quando a pergunta deveria ser: Os que vão ser beneficiados pelo trabalho dos alunos da universidade do futuro são os ricos ou os pobres? Nos esquecemos disso e, nos últimos anos, a universidade foi privatizada, mesmo as estatais. Como se os beneficiários dela fossem os alunos. Os beneficiários da universidade são os habitantes do País de hoje e do futuro, através dos alunos da universidade. Estes se beneficiam de duas formas: como habitantes deste país e deste mundo e pelo reconhecimento que recebem ao serem bons profissionais.

Wrana Panizzi – Se nós olharmos o Brasil e a América Latina, o papel mais importante que a universidade tem é a formação de recursos humanos qualificados do ponto de vista científico, tecnológico, que sejam capazes de gerar e produzir nas mais avançadas fronteiras do conhecimento. Isso permite que o País possa ter aqueles recursos que se constituem importantes para a geração tanto da riqueza material quanto da riqueza moral, dos valores, da cultura dos nossos povos. Este é um papel que, infelizmente, nas últimas décadas a universidade tem relegado um pouco. Ela tem ficado muito mais no atendimento às grandes demandas de transformações do mundo do trabalho. Na América Latina, no Brasil, ela tem que,

absolutamente, recuperar este seu papel de instituição de vanguarda, de instituição que tem um compromisso com a sociedade muito mais amplo e muito além daquilo que ela desenvolve intramuros. No Brasil, ela tem uma função de responder às nossas demandas mais urgentes numa sociedade tão desigual. Um outro desafio, paralelamente a esse, é acompanhar aquilo que há de mais avançado em termos de conhecimento e desenvolvimento científico-tecnológico.

Ione Bentz - Historicamente, a missão central da universidade tem sido o compromisso com a produção de conhecimento nas diversas áreas do saber e seu compartilhamento, e com a formação profissional dos diversos segmentos da sociedade. A parte variável desse processo decorre da ampliação das responsabilidades atribuídas à universidade em decorrência da evolução da sociedade e do quadro conjuntural que se altera a espaços regulares. É, então, que ganha importância a palavra hoje acrescentada à pergunta. No cenário atual de crise institucional, a universidade deve manter suas mais caras tradições e integrar-se aos segmentos que, fora de sua esfera, atuam em pesquisa. É um modo de expressão da contemporaneidade que, entretanto, só se completa pelo compromisso expresso com a dimensão pública. Nesse sentido, se, até alguns anos atrás, a construção da cidadania tinha como principal componente a discussão das ideologias, hoje o exercício da cidadania depende fundamentalmente do desenvolvimento do País (dependente de um projeto político). Criação de empregos, geração de renda, preparo de profissionais, condições de competitividade, preservação da cultura, avanço no conhecimento, fundação ética, desenvolvimento econômico, eis algumas das temáticas que devem pautar a atuação da universidade para que se cumpra sua missão. A tríade conhecimento, desenvolvimento e cidadania são temas centrais para esse debate que se deseja permanente.

***IHU On-Line* – Partindo da idéia de que o neoliberalismo não deixa nada intacto, quais as principais influências do neoliberalismo nas universidades brasileiras?**

Cristovam Buarque - A primeira e mais grave é a que assinalai antes: a universidade foi privatizada. Tanto que privatizaram até a universidade estatal. O neoliberalismo conseguiu fazer com que muita gente defenda a idéia de que a universidade estatal deve beneficiar apenas os alunos. Houve uma privatização nas consciências das pessoas e temos que pará-la. Muita gente defende que a universidade continue estatal, mas não quer mudar a universidade para servir ao País, então que continue estatal a serviço privado para os alunos e professores. Muita gente é contra a privatização, mas defende que a privatização continue disfarçada, financiada pelo Estado. A universidade, para ser pública, deve ser gratuita. Mas ela só merece ser gratuita, se ela for pública, e para ser pública, não basta que pertença ao governo, ela deve servir ao País, e para servir ao País, no nosso caso, com uma nação tão desigual, é preciso, sobretudo que ela sirva às massas pobres do País. Como? Formando médicos competentes para servir à saúde pública, engenheiros para construir a infra-estrutura, professores para o ensino médio e todas as profissões que o Brasil precisa. E pagando bem a esses profissionais para que eles não emigrem para outros países. Devemos pagar bem ao cientista e ao professor universitário e dar mais recursos para que haja mais laboratórios nas universidades, porque essa é a forma de mantê-los no Brasil e de fazer que eles produzam para o País.

Wrana Panizzi – Na sociedade contemporânea, as posições mais neoliberais fazem com que a universidade se vincule primeiro ao mercado, portanto transformando a educação, que é bem público, num bem de troca, numa mercadoria. Há uma influência, uma consequência do

neoliberalismo sobre a própria universidade. Ela fica muito preocupada em dar respostas imediatas e atender às demandas que, muitas vezes, são efêmeras, deixando inquietação com aquelas questões mais profundas e de mais longo prazo que tem a nossa sociedade em relação às quais a universidade precisa trabalhar. Ela também busca uma certa transformação do projeto acadêmico-universitário, fazendo com que ele se constitua muito mais nas questões e nas demandas operacionais, aquelas questões mais práticas. As questões mais ligadas ao conhecimento, mais profundas e fundamentais da ciência da universidade são submetidas a elas. Uma outra transformação também é que a universidade caminha para uma especialização, esquecendo uma visão mais global. Este é um desafio atual da universidade: ser uma instituição que ofereça uma sólida formação básica, uma visão global ampla e, conseqüentemente, forme pessoas dotadas de instrumentos para pensar seu trabalho, para pensar o mundo, enfim com instrumentos que façam das pessoas, sujeitos.

Ione Bentz - Em tempos de mundialização, não há fronteiras. Com rapidez cada vez maior, os efeitos das políticas dominantes se fazem sentir em todos os quadrantes, o que tem efeitos tanto mais perversos, nesse caso específico, quanto são vulneráveis as economias e pobres as populações. Em termos de universidade, o ponto mais visível é a transformação da educação em mercadoria, processo em vias de se consolidar com acordos internacionais de livre comércio. A proliferação de universidades-empresa vem realizando essa tendência. Apesar da reconhecida hegemonia do neoliberalismo, sou confiante nos processos históricos que pelo jogo do ponto e do contraponto alteram as lógicas deterministas que levariam a prever um quadro assaz pessimista. Um exemplo disso é a preservação de instituições de ensino comprometidas com a missão central da universidade, mas conscientes da nova ordem estabelecida pela globalização e pela moderna gestão dos negócios. Seriedade e competitividade não são características incompatíveis. A sociedade atua politicamente, embora muitas vezes desejássemos que o fizesse com mais vigor e velocidade. Dessa atuação deveria resultar a sociedade que se deseja: moderna, rica, justa e ética. Trabalhar para que esse ideal se concretize é o que nos cabe.

IHU On-Line – O que entende por democratização do ensino e quais seriam os passos mais urgentes nessa direção?

Cristovam Buarque- Ótima pergunta, porque as pessoas pensam que democratizar o ensino é eleger o reitor. Não, democratizar a universidade é colocá-la a serviço da humanidade e do País inteiro, e não de uma pequena parte da população. Democratizar exige qualidade, porque sem qualidade não se serve ao País. Em segundo lugar, é preciso orientá-la para formar profissionais com qualidade naquilo que é necessário para aumentar o patrimônio científico cultural da humanidade e do País e aumentar o número de profissionais nas áreas tecnológicas que vão dar respostas às necessidades brasileiras - nas tecnológicas incluo também as medicinas. No Brasil, para que isso aconteça, acho que a democratização deve ter também a participação da comunidade nos destinos da universidade. Para democratizar, precisa dar autonomia, mas a principal forma de democratização é um currículo que forme profissionais com qualidade para servir ao País.

Wrana Panizzi – Os passos mais urgentes para a democratização consistem na ampliação de vagas. Isso vai depender do papel que a universidade tem e que a educação superior tem na política pública. A pergunta que nós temos que fazer, não só para os governos, mas também para o conjunto da sociedade brasileira é: Afinal de contas, o que quer a sociedade brasileira

para o seu futuro? Ela quer um futuro efetivamente autônomo, soberano, em que possamos ter um projeto de desenvolvimento capaz de gerar riqueza material, de agregar valores, de gerar empregos, de ser inclusiva do ponto de vista mais amplo e econômico? Uma sociedade com identidade própria? Se ela quer isso, claro, nós temos muitas demandas, mas é preciso considerar a demanda pela educação, pelo acesso ao conhecimento, como especial e importante. E é preciso, portanto, que as políticas públicas, ouvindo a sociedade, transformem isso em prioridade. Essa é uma forma de buscar uma democratização, porque aí não só nós permitimos o acesso de todas as camadas e todas as partes da sociedade à universidade, como também permitimos que a sociedade brasileira usufrua daquele que é o recurso mais importante, que é a educação e o conhecimento avançado. Democratização é fazer com que o conhecimento e a educação superior sejam considerados como bens públicos. Essa é uma forma de democratizar. É ter clareza dessa concepção. É ter clareza também que temos que ampliar e disponibilizar conhecimento. Isso passa necessariamente pela ampliação das vagas, e vagas para todos. Elas têm que ser para ricos e pobres, para negros e brancos, para índios, para todos. Na medida em que nós ampliarmos as vagas, nós estaremos também propiciando um processo maior de inclusão social.

Ione Bentz - Falar em urgência em nosso país é tautologia. Há algumas décadas é urgente que se ofereçam condições de desenvolvimento em quesitos como saúde, educação, previdência, entre outros tantos que, porque precários, assolam o País como pragas, condenando a maior parte da população à privação quase que completa. Estou falando, de modo indireto, de inclusão como efeito que deve ocorrer em consequência do desejado desenvolvimento. Às universidades interessa possuir o maior número de alunos. Os últimos dados mostram a ociosidade de vagas que, em uma sociedade de inclusão e em países de grande massa de população jovem, não seriam certamente vagas superdimensionadas. As condições de acesso à universidade são a principal questão. Existem algumas medidas paliativas e que estão longe de resolver a questão. É o crescimento com justa distribuição de renda que poderá efetivamente alterar o quadro de exclusão que vivemos. Arriscaria a dizer que os preconceitos atribuídos como preponderantes no trato das minorias estão radicados em um dado de base: a pobreza. Sim, o principal fator de exclusão é a pobreza. O aluno é pobre e as famílias empobrecem, enfim reifica-se a velha questão: país rico, população pobre. Considero urgente que cada uma das ações, mesmo que pequenas e emergenciais, sejam já orientadas por um plano de desenvolvimento concernente ao País, às suas forças e tradições. Políticas públicas e ação social são agentes importantes nesse processo.

IHU On-Line – A professora Marilena Chauí afirmou que “a universidade não é produtora de cultura porque está estruturada de tal forma que sua função é a de dar a conhecer para que não se possa pensar”. Que reflexão merece essa frase?

Cristovam Buarque - Evidentemente ela não está falando da universidade como conceito, e sim da universidade como ela é hoje. Eu mudaria o verbo e diria que a universidade tem funcionado nestes anos dessa maneira.

Wrana Panizzi – A universidade tem se deixado levar por esse movimento de internacionalização do conhecimento. Eu sou favorável às relações e à cooperação internacional, mas penso que nós não podemos nos deixar levar por uma internacionalização que transforma a educação de bem público, em mercadoria, e faz com que a gente possa ter uma uniformização, uma massificação do conhecimento, da cultura, negando as próprias

identidades. Isso faz com que as pessoas deixem de pensar. E a universidade, na medida em que se volta e se atrela a um mercado, não que ela não tenha que formar também para o mercado, ela se atrela a ele, só que não pode estar submetida a ele. Na medida em que ela está submetida ao mercado e que atenda às demandas que esse mesmo mercado impõe, ela está formando direcionadamente, e a universidade é, sobretudo, o lugar da polêmica, da heterogeneidade, da pluralidade de idéias. Tem que ser um espaço onde se possa discutir, onde se possa ir muito além da instrumentalização, dando as condições de pensar. Daí a importância de os nossos projetos acadêmicos darem o devido valor ao conhecimento básico e fundamental, que são os conhecimentos sólidos e fundamentais para uma profissão. Não é só para o médico, o engenheiro, o advogado, mas para todos que têm uma vida humanística, que dêem algum instrumental e ajudem as pessoas a pensarem. Aí sim a universidade é capaz de produzir cultura. A Marilena Chauí faz muito bem a distinção entre instituição e organização. Numa organização você está visando ao próprio funcionamento, a instituição é um projeto social que se constrói e se reconstrói permanentemente.

Ione Bentz - A professora e pesquisadora citada faz uma síntese da realidade educacional que não conseguiu tornar realidade alguns ideais que, desde os anos setenta, são apregoados, entre eles o de conceber o aluno como agente do processo de aprendizagem e, portanto, do conhecimento. Aponta a estrutura universitária como responsável pelo estado da arte no quesito produção de cultura. Seria impossível negar o papel das estruturas nos processos de desenvolvimento de uma concepção de educação ou de universidade. Entretanto, é apenas um dos elementos que ganha tanto maior relevância, quanto se sobreponha em importância à concepção e aos processos. As estruturas devem ser aliadas na realização de um projeto de universidade; não é fácil mantê-las como coadjuvantes. A Unisinos vive um momento de sua história que, de certa forma, ilustra essa questão. Organizar todos os meios, inclusive as estruturas, para concretizar um projeto de universidade "produtora de cultura", ou melhor, produtora de conhecimento, centralizada na pesquisa e concebida nos termos da missão e do credo, dos valores do "*magis*" e das opções estratégicas educação por toda a vida, transdisciplinaridade e desenvolvimento regional.

IHU On-Line – Nos últimos anos, têm proliferado faculdades e universidades. Quais são as consequências que isso traz para a universidade?

Cristovam Buarque- É, em parte, fruto de uma pressão extremamente boa no País. Trata-se da pressão de jovens querendo estudar depois do segundo grau e que não conseguem vagas na universidade pública. Conheço pessoas que reclamam dessa proliferação, mas eu acho que é um indicador positivo do Brasil nos últimos dez anos o fato de ter aumentado o número de alunos universitários. Se não aumentou mais na universidade pública que nas particulares é porque a universidade pública não recebeu, por um lado atenção para poder criar esses postos e por outro lado, não se motivou também para aumentar o número de vagas na proporção de demanda. Uma outra discussão é a qualidade dessas universidades, mas não da quantidade. A quantidade não tem nada a ver com o fato de quem não está exigindo a qualidade necessária. Existe um mito de que a universidade era melhor no passado que hoje. Eu não acredito nisso. Não consigo imaginar que um jovem que estuda engenharia hoje, tenha um ensino pior do que aquele que estudou no meu curso de Engenharia. Tenho certeza de que o curso hoje é melhor: há mais laboratórios, professores com dedicação exclusiva, professores com pós-graduação. Quinze anos atrás não tinha nada disso. Como aumentou muito o número, é natural que haja uma redução na qualidade de alguns profissionais. Mas, não se pode, em nome da qualidade,

frear a quantidade. A educação é direito de todos e esse direito deve ser concedido, procurando o máximo de qualidade, e não sacrificando o número e dizendo: "Você vai estudar numa boa universidade e você vai ficar de fora, não vai ter direito nem à boa nem à ruim".

Wrana Panizzi – No bojo dessa discussão sobre o futuro da universidade brasileira, sobre a chamada reforma universitária, nós precisamos ter muito claro um marco regulatório para o conjunto do sistema de ensino superior brasileiro. Todas as instituições têm compromissos e devem ter sua autonomia submetida ao controle social. Para ter esse controle social sobre a presença das instituições, nós precisamos urgentemente de marco.

Ione Bentz - Em uma sociedade democrática, competitiva e aberta, a proliferação de organizações não deve ser um problema. Seria o mesmo que considerar que os problemas do Brasil são o seu povo. A primeira questão, a lei do mercado resolve, ou seja, a relação procura/oferta. Uma questão importante é a viabilidade de se efetivar a procura e novamente a questão de renda da população volta à pauta. Uma outra ainda maior se põe, qual seja as condições culturais da população que lhe permitam identificar os valores que orientam as ofertas educacionais disponibilizadas pelas diversas instituições e buscá-las porque qualificadas nos termos desejados, e não pelo fato apenas de "caberem no orçamento". Teríamos, portanto, saudável competitividade. A palavra de ordem novamente se põe: crescimento, crescimento, crescimento.

IHU On-Line – Alguns especialistas afirmam que a graduação nas universidades foi se transformando num colegial avançado e foi naturalmente desvalorizada. E que, por outro lado, deu-se um valor extremo à pós-graduação, discriminando os professores que ministram aula na graduação e os que o fazem na pós-graduação. Frente a essas opiniões, que riscos pode correr a pós-graduação? De que maneira ela pode contribuir melhor para transformar a sociedade?

Cristovam Buarque - O que vem sendo feito é prestigiar uma boa pós-graduação e selecionar as melhores. E essa pós-graduação tem um papel fundamental na formação dos professores da universidade e, sobretudo, na criação de uma base que não é de professores, é de pensadores, de cientistas, de intelectuais, de escritores: esse é o papel da pós-graduação. Há um certo risco de cair no endogenismo, mas para evitá-lo, além de autônoma e participativa deve ser comprometida. Além disso, eu defendo, é o que se deseja fazer no Ministério, na reforma universitária, é que, depois da pós-graduação, haja mais uma instância que seja a seleção daqueles que vão ser professores. Eu defendo que selecionemos os professores nacionalmente, e não universidade por universidade. Esses professores selecionados nacionalmente podem ser distribuídos nas universidades conforme a descentralização necessária. Dessa forma, quebra-se a endogenia de o aluno fazer pós-graduação numa universidade e virar professor dela. Um ou outro caso pode seguir esse rumo, mas não todos, senão pode criar os mesmos efeitos dos casamentos entre parentes, vai terminar havendo deformações.

Wrana Panizzi – Devemos encarar o processo educacional como um todo. Por que nós, às vezes, encontramos algumas deficiências no ensino de graduação? Eu sou defensora de que as políticas educacionais não devem ser voltadas primeiro para o ensino fundamental e básico para depois o serem para o ensino médio, e depois para a universidade. Temos que olhar o processo educacional como um todo. E quando chegamos à universidade, nosso projeto

acadêmico tem que ser um projeto que inclua a graduação e a pós-graduação. Um bom professor deveria trabalhar tanto na graduação quanto na pós-graduação. Deveríamos ter, sobretudo, um projeto acadêmico nas nossas instituições que não estabeleça essa dicotomia entre graduação e pós-graduação tão forte como ela existe. Na realidade, nós só teremos uma boa graduação, se tivermos uma boa pós-graduação. Mas para ter uma boa pós-graduação é preciso também ter uma boa graduação. E para termos essa universidade boa é preciso que o ensino médio e fundamental também sejam qualificados. A universidade tem uma responsabilidade com o processo educacional como um todo, inclusive com o sistema educacional dos outros níveis. No Rio Grande do Sul, nós não teríamos o desenvolvimento que tivemos na área da saúde, da educação, das artes, da agricultura, da informática, da química, no setor metal-mecânico se não fosse pela pesquisa. Por exemplo, não teríamos o terceiro pólo petroquímico, não seríamos o terceiro pólo de informática, não teríamos o desenvolvimento que temos na área metal-mecânica e agrícola, se não tivéssemos centros de pesquisa e de formação de profissionais qualificados como as nossas universidades têm. A universidade é, sim, o lugar da reflexão, é, sim, o lugar de buscar uma pesquisa aprofundada. Evidentemente que isso não pode ser só para que façamos nossos *papers*, nossas teses, mas para que esse conhecimento seja disponibilizado.

Ione Bentz - Inicialmente, eu discordaria do modo como a sequência de perguntas acima foi formulada, em especial a contextualização das perguntas, porque equivocadas, ou porque reproduzem alguns preconceitos indesejáveis, como, por exemplo, o desprestígio do professor que dá aulas em determinado nível de ensino. Tratar disso, seria outra discussão e outro texto. O modo como a Unisinos concebe a pesquisa passa ao largo de posições hierárquicas no contexto universitário, pois trabalha com profissionais que, pela sua formação doutoral e senioridade, são capazes de produzir conhecimento qualificado. A atuação em docência não é senão decorrência do capital formativo e de experiência que tais profissionais detêm. Há casos, ainda, em que, apesar da ausência de títulos, o pesquisador produz qualificadamente. Darei foco a alguns pontos da formulação inicial. É de conhecimento geral, a perda de qualidade do ensino fundamental e médio nos últimos quarenta anos. As causas têm sido exaustivamente examinadas. É também voz comum a que vem postulando a necessidade de os profissionais mais bem formados atuarem nas séries iniciais, em especial, na atividade de alfabetização. Com todas essas evidências temos convivido, e, infelizmente sido incapazes de alterar esse quadro. A hierarquia citada na pergunta precisa ser ressignificada. Trabalhar para isso é nossa responsabilidade. De certa forma, a Unisinos tem atuado nessa direção pelas atividades de ação social ou de orientação pedagógica que desenvolve junto à sociedade em geral e às escolas da região. A fase de reorganização pela qual a Unisinos está passando funda-se no conceito de universidade de pesquisa, ou seja, de produção de conhecimento, cujos resultados deverão conferir qualidade a cada uma das atividades por ela desenvolvidas, independentemente da área, nível de ensino ou tipo de formatação, com aproveitamento das competências de cada um dos integrantes de seus quadros, na esfera própria de sua atuação. Os preconceitos e estereótipos são indesejáveis e prejudiciais à reflexão mais livre e à execução de projetos.

IHU On-Line – Como acompanhou as mudanças no Ministério da Educação e o que achou do fato de o presidente Lula dizer que não quer acadêmicos no seu governo?

Cristovam Buarque- Não vou comentar. Eu sou parte envolvida nisso.

Wrana Panizzi – As decisões de mudanças ministeriais são uma atribuição do Presidente da República. Nós tivemos já, desde o ano passado, com o ministro Cristovam Buarque, uma possibilidade de diálogo, uma abertura para o diálogo. Nós esperamos e acreditamos que, com o novo ministro, continuemos o aprofundamento dessa possibilidade de diálogo. Penso que o ministro Tarso Genro, embora não seja professor universitário, é um intelectual. Para mim, quem ocupa um cargo como esse, mais importante do que ser da academia, deve ser alguém capaz de falar e interagir com a academia. É isso que eu espero do ministro. Se houver essa interlocução com a universidade em todos os seus níveis e em todo o seu sentido, e o respeito por ela, penso que isso é o importante e é uma condição para qualquer projeto para as nossas universidades.

Ione Bentz - Falar sobre o governo atual começa a ser doloroso. Há que se dar algum tempo ainda. Se o governo não precisa desse tempo, o povo precisa, pelas razões que todos conhecemos. Quanto à aversão aos acadêmicos, ela não é nova. O refrão é repetido à exaustão e a sociedade atualiza a todo o momento o preconceito. Acadêmico tem sido rotulado como idealista, não pragmático, incapaz de executar, enfim um inútil verborrágico de atuação ainda mais prejudicial dado o quadro de emergências que o País enfrenta. Trata-se de um jogo de poder, de medida de forças políticas nada estranhas à sociedade. Estar inserido na sociedade requer reconhecer esses processos políticos e neles atuar.

IHU On-Line – A universidade poderá contribuir, nos próximos anos, para a revitalização do pensamento político e a formulação de projetos de desenvolvimento para o País, ou não é esse o papel da universidade?

Cristovam Buarque - Há 15 anos, eu escrevi o livro chamado *A aventura da Universidade* em que falo do modelo de universidade que o Brasil está necessitando. Acho que essas idéias ainda são vigentes para os próximos anos. Além disso, no Senado, o senador Osmar Dias, que criou e preside a comissão de Educação, vai trabalhar num projeto de universidade para o Brasil, e eu darei minha contribuição nessa comissão para que a universidade possa atender às necessidades que o País está apresentando.

Wrana Panizzi – A universidade, além de formar recursos humanos, produzir conhecimento, ela tem obrigação de ser um lugar de discussão, por isso é o lugar da polêmica, heterogêneo, plural, e ela tem que, cada vez mais, pensar a sociedade, e pensar a sociedade significa, sim, pensar qual é o projeto de desenvolvimento nacional que nós queremos. Qual é o projeto da nação que nós temos? Quais são as tendências hoje no mundo? Qual é o projeto de desenvolvimento nacional que nós temos hoje? O que pensa a Europa sobre isso? O que pensa a América Latina? Qual é a realidade da nossa América Latina? Enfim, é uma atribuição da universidade pensar a sociedade. Esta é uma atividade política, que têm todas as nossas instituições, que ultrapassa a questão da política partidária. É uma questão de projeto de desenvolvimento, é uma questão de instituição da nossa cidadania. Essa é uma tarefa fundamental. Se a universidade brasileira hoje precisa, e aí estou falando da universidade pública, recuperar a sua liderança na oferta de vagas, porque ela tem oferecido poucas, precisa recuperar também a sua dimensão e seu caráter de instituição republicana. A universidade é a mais importante das instituições do Brasil republicano e, para que ela cumpra sua função, precisa se debruçar sobre a nossa realidade social, política, econômica e cultural e pensar essa sociedade.

Ione Bentz - Não apenas pode, como deve. É parte de seu compromisso. As idéias até aqui expressas apontam não apenas para o compromisso, como para a absoluta necessidade de fazê-lo. O modo de contribuir deve ser equacionado na esfera de suas características institucionais, no caso sua condição de universidade. É com o seu capital específico que se agregará às demais forças sociais para a promoção de desenvolvimento do País que passa, necessariamente, pela revitalização do pensamento político.

IHU On-Line - A nova estrutura da Unisinos que está sendo implementada, foi pensada na direção de se tornar cada vez mais uma universidade que contribua na transformação da sociedade ou foi consequência de uma universidade que necessita concorrer no mercado?

Ione Bentz - Para começar, eu não designaria as mudanças em curso na Unisinos como estruturais. Falaria de conceito de universidade e em consequência das condições que viabilizem a concretização do projeto. Reafirmo que as estruturas são apenas um dos aspectos da questão. Se fundamentarmos o nosso raciocínio na base confessional da instituição, de pronto são evocados os princípios humanísticos, éticos e solidários que estão inscritos na história da ação educacional jesuíta. É impensável imaginar a instituição despreocupada com a promoção da justiça e da paz. Reiterada e publicamente, as autoridades reitorais reafirmam a decisão de que a Universidade continue universidade, portanto, fiel aos ideais que a presidem. A Universidade identificou, sim, a necessidade de alterar os processos de gestão e tomada de decisões em função de poder continuar a existir como organização e realizar seu projeto principal. O cenário geral é de alta competitividade e de acelerado desenvolvimento científico e tecnológico. Impõe-se uma nova ordem organizacional para que a instituição possa dar continuidade à sua obra educacional. Nesses termos, a concorrência é positiva para a sociedade, pois se traduz em ofertas educacionais diferenciadas que darão às famílias condições de escolha do tipo de educação que desejam para seus filhos. Mais uma vez, a questão mais afiliva não é a proliferação de universidades ou a concorrência no mercado, mas as condições econômicas e sociais do País.

IHU On-Line- O que está faltando à Unisinos para se aproximar um pouco mais dos ideais da Associação das Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina - Ausjal?

Ione Bentz - Esta pergunta abre um novo tema e, portanto, uma nova ordem de argumentação. Prefiro manifestar-me com cautela sobre esse tema pelo seu grau de complexidade e pelas implicações políticas internas às universidades jesuítas. A questão de base envolve o conceito de América Latina e a posição do Brasil nesse contexto. Os ideais da Ausjal são também os da Companhia de Jesus os quais encontram formas diversificadas de materialização nos diferentes países e suas culturas. Na participação que pude ter em algumas atividades relacionadas aos projetos Ausjal, foi possível perceber a intenção política de reforçar os laços entre as universidades da rede, com visíveis benefícios para elas e para a sociedade em geral. Talvez falte uma liderança dedicada quase que exclusivamente, em um primeiro momento, a promover a articulação entre as universidades integrantes da Associação, em detrimento de tarefas também urgentes dessas lideranças em suas próprias instituições. Organizadas as ações nesse sentido, creio que será rápido e eficaz o desenvolvimento do processo de ação integrada. Todos os indicadores apontam para tal.